

FATOS E NOTAS

UMA SUPOSTA RARIDADE BIBLIOGRÁFICA SÔBRE O BRASIL

O Sr. Carmine Starace, diretor da Biblioteca do Senado de Roma, publicou no primeiro número da magnífica revista *Anhemi*, correspondente ao mês de dezembro do corrente ano, sugestivo artigo sob o título *Um precioso címélio bibliográfico sôbre o Brasil*, com o louvável escopo de revelar a existência na Biblioteca Municipal desta Capital de precioso livrinho, exemplar único em todo o mundo, até agora completamente desconhecido dos mais famosos bibliógrafos da Europa e América. Essa raridade nada mais é do que um opúsculo contendo apenas 12 páginas in-8.º não numeradas, com este título: *Terra S. Crucis, Brasiliae situs ac descriptio*. Em baixo do título: *Stampato in Venetia per Nicolò Zopino e Vicentio Compagno nel MCCCCC II*.

Após uma série de considerações, alguma aceitáveis, chega o Sr. Starace, nesse seu artigo, à conclusão que de facto o livrinho em apreço é uma preciosidade, visto ser o mais antigo a fazer alusões explicitas sôbre o Brasil. Confessa o Sr. Starace haver examinado *de visu* esse opúsculo, reparando na qualidade do papel "que não oferece nenhum indício de truque tipográfico".

O artigo do ilustre bibliógrafo italiano chamou a nossa atenção e despertou a nossa curiosidade, de vez que sabemos que data de 1507 a publicação do primeiro livro fazendo referência à viagem de Cabral à Índia e ao descobrimento do Brasil, livro esse que é uma coletânea de viagens estampado em Vicença (Itália) por Francanzano da Montalboddo e tendo por título: *Paesi novamente ritrovati et Novo Mondo da Alberico Vesputio florentino intitulato*. A nossa primeira idéia foi irmos até à Secção de Livros Raros da Biblioteca Municipal e examinarmos *de visu* o livrinho tão precioso. Pensamos: será que poderemos atingir o nosso objetivo; que não está interditado o seu exame por qual-

quer razão ponderável? Felizmente o opúsculo lá estava na sua estante ao nosso inteiro dispor. Com o auxilio de uma lente, passamos a examiná-lo. O titulo estava certo: *Terra S. Crucis, Brasiliae situs ac descriptio.* Também a data da impressão: *Stampato in Venetia per Nicolò Zopino e Vincentio Compagno nel MCCCC II.* O papel era da época, mais ou menos. Todavia, notamos que os tipos usados para a composição do livrinho não eram os utilizados no fim do século XV e comêço do XVI, pelos impressores italianos que imprimiram o *Libretto de tutta navigatione de Re de Spagna*, o *Paesi de Montalboddo* e a *Lettera di Amerigo Vespucci delle isole nuovamente trovate in quattro suoi viaggi.* Trata-se de material mais moderno, pensamos que do fim do século XVI ou comêço do XVII.

Após uma pequena pausa, dissemos com os nossos ho-tões: como se explicam os dizeres tão claros do frontispício dêsse livrinho? Um opúsculo estampado em Veneza em 1502, onde a *Terra de Santa Cruz* também é chamada *Brasil.* Resolvemos, pois, fazer um pequeno retrospecto do que sôbre a cartografia americana vetustissima temos conhecimento, o mesmo fazendo em se tratando dos primeiros documentos referentes à existência do pau-brasil no nosso país, uma vez que o nome *Brasil* proveio da grande abundância dessa madeira usada em tinturaria e existente na terra descoberta por Cabral. No planisfério de Cantino, data certa 1502, o Brasil figura com o nome de *Vera Cruz*, o mesmo ocorrendo com o de Nicolò Cavério, desenhado depois de 1502, mas antes de 1504. No mapa anônimo italiano, conhecido por King-Hamy, cuja data é atribuída a 1502, o nosso país é denominado *Terra Scta Crucis.* No anônimo também italiano, conhecido por Kunstmann II, confeccionado depois de 1502, o Brasil é denominado *Terra Sancte Crucis.* No de Contarini-Roselli de 1506, é chamado *Illa Sancta Cruz.* No Ptolomeu de 1508, figura um planisfério da autoria de Ruysch, tendo a inscrição: *Terra Sancte Crucis.* Só em 1511, no mapa de Jerônimo Marini, existente na Biblioteca do Itamarati, aparece pela primeira vez na cartografia americana vetustissima o nome *Brasil* na parte da América do Sul que corresponde ao nosso país. Portanto, não foi recorrendo à cartografia antiga do Novo Mundo, que o suposto autor do livrinho foi encontrar elementos para dizer que em 1502 a *Terra de Vera Cruz ou de Santa Cruz*, também era conhecida por *Brasil.*

Os documentos mais antigos e que fazem referência à existência de grande quantidade de pau-brasil (*verzino*) no nosso país, tiveram como fonte de informações, o resultado da expedição exploradora portuguesa enviada em 1501 à



FIG. 1.
Frõntespicio da suposta raridade bibliográfica
sõbre o Brasil (Tamanho igual ao original).

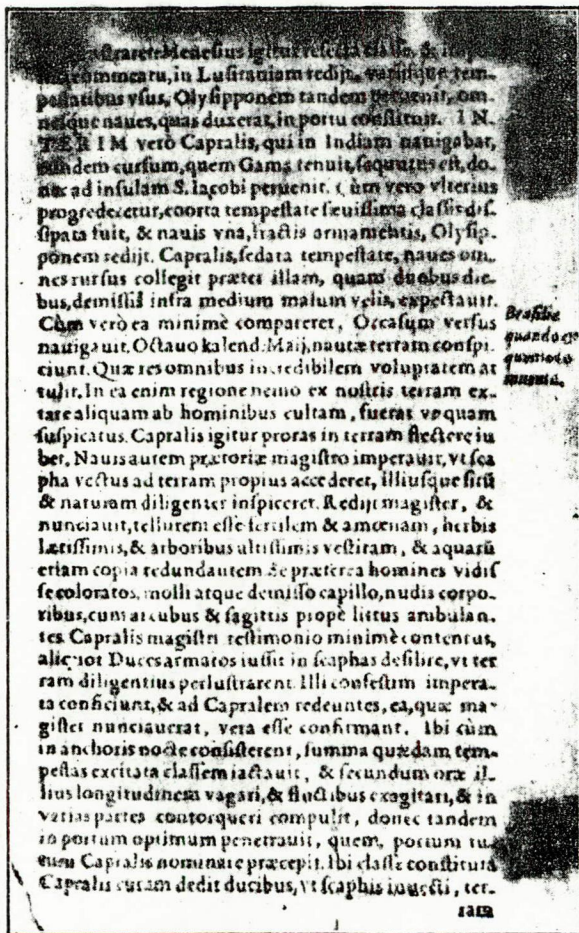


FIG. 2.
Primeira página da suposta raridade bibliográfica.
(Tamanho igual ao original).

terra achada por Cabral e que só voltou a Lisboa em julho de 1502. Esses documentos são os seguintes: 1.º — a carta de Vespucci a Lourenço de Pier Francisco de Medici, enviada de Lisboa provavelmente em agosto de 1502; 2.º — a carta de Piero Rondinelli remetida de Sevilha à Florença em 3 de outubro de 1502; 3.º — o despacho de Pietro Pasqualigo, embaixador de Veneza na Espanha, enviado à Senhora e datado de Saragoça a 12 de outubro, também de 1502. Como naquela época não existiam estradas de ferro, nem tão pouco aviões, essas notícias da existência de grande quantidade de pau-brasil no nosso país, não poderiam chegar à Itália e ser divulgadas de tal modo, que um impressor nesse mesmo ano de 1502, se lembrasse de acrescentar ao nome de um livrinho descrevendo a *Terra de Santa Cruz* aquêlê de *Brasil*, como se vê no frontispício do opúsculo de que estamos nos ocupando. Dêsse modo, puzemos de quarentena os dizeres do título da suposta raridade bibliográfica.

Em seguida, passamos a examinar as páginas do livrinho, escritas em latim, e notamos que elas não estão numeradas, o que nos causou espécie, principalmente por estarem muito aparadas. A leitura então nos surpreendeu com os detalhes da descrição do descobrimento do Brasil por Cabral. Não era possível que em 1502 alguém pudesse tratar de tal assunto de modo tão minucioso, pois há um tópico que diz que a *Terra de Santa Cruz*, hoje chamada *Brasil*, tem os seus confins com o Perú, que é do domínio da Espanha. Ora, em 1502, ninguém ainda sonhava com a existência de terras que mais tarde constituiriam o Perú; ninguém sabia da existência do Pacífico. Mas a chave para decifrar o enigma nos foi fornecida por uma outra passagem dêsse livrinho, aquela que diz que Cabral mandou por uma coluna de mármore na terra recentemente achada, à semelhança do que fizera Vasco da Gama nas terras que descobrira quando da sua primeira viagem à Índia. Essa referência a ter Cabral mandado colocar uma coluna de mármore em Pôrto Seguro, antes de desferrar para a Índia, quando a verdade é que, como diz Caminha, Cabral mandou chantar uma cruz de madeira como símbolo da posse da terra para a corôa portugûesa, nos avivou mais a memória e assim raciocinamos: o autor do livrinho certamente baseou a sua narração num dos cronistas portugûeses do século XVI. Consultamos Damião de Góes (*Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*), mas êle não se refere à coluna de mármore, mas sim a uma cruz de pedra.

Como Damião de Góes publicou a sua crônica em 1566, lembramo-nos de um outro cronista portugûes que escreveu

depois dêle, isto é, de Jerônimo Osório que em 1571, publicou *De Rebus Emmanuelis gestis*. Não nos foi possível encontrar para consulta a edição original dessa crônica escrita em latim, mas sim a sua tradução magnífica, feita pelo padre Francisco Manuel do Nascimento (Felinto Elisio) e publicada em Lisboa em 1804-1806. Fizemos então o confronto das três primeiras páginas do livrinho *Terra S. Crucis situs ac descriptio*, com as páginas 143 a 146 do volume I desta crônica de Jerônimo Osório, chegando com a máxima facilidade a esta conclusão: tudo não passa de uma fraude a mais grosseira possível. O conteúdo do “precioso cimélio bibliográfico sobre o Brasil”, nada mais é do que o aproveitamento de algumas páginas de uma edição latina da citada crônica de Osório. Para dificultar o trabalho de identificação, o falsário mandou aparar as páginas de modo tal a suprimir a numeração. Mas de que edição latina teria o falsário lançado mão? Verificamos então que existem três edições latinas dessa obra de Osório: a original, feita em Lisboa em 1571, a de Colônia estampada em 1574-1586 e a de Coimbra de 1791. Como a edição de Lisboa tem o formato *in-fólio*, e as de Colônia e Coimbra são *in-8.º*, foi de uma destas últimas que o falsário fez uso, porque as páginas da suposta raridade bibliográfica são também *in-8.º*.

Quando ao frontispício, foi êle arranjado de maneira a dar a impressão de ter sido realmente estampado em 1502 em Veneza por Zoppino. Um pedaço pequeno de papel do século XVI foi conseguido e sobre êle impressos os dizeres que conhecemos. Como o autor da fraude apenas ouviu falar ter sido Zoppino um dos famosos impressores italianos do começo do século XVI, lembrou-se do seu nome e o indicou como o estampador do livrinho. Mas assim procedendo, deixou a prova evidente do crime, porque imprimiu o nome dêsse impressor com um só *p*, ao passo que em todos os trabalhos estampados por Zoppino, escreveu êle o seu nome com dois *pp*.

* * *

Na segunda parte do seu artigo, o ilustre Sr. Carmine Starace passa a abordar assuntos que dizem respeito aos primórdios da nossa história e, assim procedendo, comete uma série de deslizes imperdoáveis para um bibliógrafo do seu quilate.

Diz êsse emérito bibliógrafo italiano em uma das passagens do trabalho que estamos apreciando: “E foi assim que o nome de *Vera Cruz*, dado por Cabral, caiu em desuso. A mudança de nome deve ter ocorrido pouco depois da des-

coberta, visto que duas das mais antigas cartas que possuímos (a de Carneiro e a chamada Kunstzmann II) e que foram publicadas em 1502, já trazem a indicação de um *Rio do Brasil* ao sul de *Cabo Seguro*, juntamente com o de Vera Cruz, sendo que este último nome desapareceu dos mapas impressos nos anos posteriores (V. Vingaud, "A. Vespuce", página 151)".

O cartógrafo genovês do começo do século XVI a que alude o Sr. Starace, não se chamava Carneiro nem Canério, mas sim Cavério, conforme os modernos estudos de Paolo Ravelli e Roberto Almagiá. Quanto ao fato de assinalarem os mais antigos mapas da América, a partir do de Cantino de 1502, um rio ao sul não de *Cabo Seguro*, mas de *Pôrto Seguro*, com o nome *Brasil*, pode-se admitir que aí nesse rio foi encontrado pela primeira vez o pau-brasil. Mas isso não serve de argumento para se poder admitir que em 1502, data da suposta publicação da pseudo raridade bibliográfica, já era conhecida por *Brasil* a *Terra de Santa Cruz*. O erudito bibliógrafo esqueceu-se de citar o planisfério de Cantino, o de Waldseemüller de 1507 e o de Schöner, que também mencionam um rio *Brasil* logo abaixo de *Pôrto Seguro*. O Sr. Starace não está bem enfronhado a respeito da nomenclatura da cartografia americana vetustíssima, pelo menos na parte referente ao litoral brasileiro. Chama de *Cabo Seguro* o local onde aportou a frota de Cabral, louvando-se quiçá no mapa Kunstmann II que está muito adulterado quanto à nomenclatura brasileira, tanto assim que assinala *punte seguro* por *Pôrto Seguro*, do mesmo modo que denomina *punta real* o *Pôrto Real*, *a bano de tutti santi* por Baía de Todos os Santos, *boia de reis* a Angra dos Reis, *punta de san uicentio* o pôrto de S. Vicente, etc.

Em seguida, escreve o abalisado bibliógrafo este tópico referindo-se à armada de Cabral: "A frota zarrou de Lisboa a 8 de março de 1500 e, chegando às ilhas de Cabo Verde, dobrou para sudoeste a fim de verificar a existência de terras americanas que, conforme o tratado Hispano-Português de 1494, pudessem caber a Portugal. E assim a 23 de abril de 1500, deu-se o descobrimento da costa brasileira ao sul do cabo de S. Roque, etc."

Em primeiro lugar, a segunda armada da Índia não partiu de Lisboa a 8, mas sim a 9 de março. Depois, o Tratado de Tordesillas não faz a menor alusão à existência de terras ao ocidente e que, por ventura, pudessem caber a Portugal. Neste ponto o ilustre bibliógrafo expande a sua fértil imaginação. No tratado em apreço, o que D. João II viu, foi garantir o direito de ampla navegação pelo Atlântico Sul e, dêsse modo, o caminho da Índia via cabo da Boa

Esperança. Mas o que é piramidal, é o Sr. Starace, como vamos ver mais adiante, fazer alusão à carta de Caminha, e dizer que o Brasil foi descoberto a 23 de abril por Cabral.

Numa outra passagem, escreve o emérito Sr. Starace: "A frota (de Cabral) velejou depois para o Cabo de Boa Esperança em direção a *Calcutá*, voltando a Lisboa somente em julho de 1501 após ter-se cruzado *nas ilhas de Cabo Verde* com Vespucci que, com uma frota, se dirigia de novo para as costas brasileiras a fim de explorá-las (terceira viagem de 1501-1502); porém desta vez não por conta da Espanha mas de Portugal".

O competente bibliógrafo confunde Calicute com Calcutá. *Calicute* é um porto que fica na costa de Malabar, no Oceano Índico, ao passo que *Calcutá* fica no delta do Ganges. Cabral partiu para Calicute e não para Calcutá. O Sr. Starace, é nossa opinião, tem obrigação de conhecer essa preciosidade bibliográfica que é o *Paesi Novamente Retrovati*, etc. de Montalboddo bem como a carta que de Cabo Verde, escreveu Vespucci a Lourenço de Pier Francisco de Medici, a 4 de junho de 1501. Como é então que vem nos contar que foi *nas ilhas de Cabo Verde*, onde parte da frota de Cabral, de torna viagem para Lisboa, se encontrou com a expedição portuguesa de 1501-1502 enviada ao Brasil, da qual participou Vespucci como figura de grande relêvo? Então não sabe o erudito Sr. Starace que esse encontro ocorreu em Cabo Verde, isto é, no atual porto de Dacar?

Em seguida o insigne bibliógrafo faz esta afirmativa: "O célebre escritor português Pero Vaz de Caminha acompanhou a armada de Pedro Alvares na *qualidade de cronista*, e deve-se a êle uma minuciosa *carta*, enviada ao Rei Dom Manuel de Portugal, na qual descreve o descobrimento de *boa parte* da costa brasileira. Este documento é importantíssimo e traz a data de 1.º de maio de 1500, enquanto *nele se afirma* que a armada havia tocado terra do Novo Mundo a 23 de abril do mesmo ano".

Nunca lemos tantas inverdades em tão curto periodo. É simplesmente consternador verificar-se a ignorância do egrégio Sr. Starace em se tratando dos personagens de notável relêvo das primeiras páginas da nossa história. Caminha nunca foi *escritor* nem *cronista*, tendo participado da frota de Cabral como escrivão da feitoria que seria estabelecida em Calicute e subordinado estava êle diretamente ao feitor Aires Correa. Também não é verdade que tenha Cabral descoberto *boa parte* da costa brasileira, mas sim um pequeno trecho da mesma. Finalmente, na carta de Caminha não há nenhuma afirmativa dizendo ter sido o Brasil descoberto a 23 de abril, mas sim a 22 do mesmo mês.

Tratando-se de Vespucci, italiano como o ilustre Sr. Starace, devia êste bibliógrafo dizer alguma coisa acertadamente, de vez que o Florentino é inegavelmente figura de invulgar destaque na história dos descobrimentos marítimos. No entanto, o Sr. Starace assim se refere a Vespucci: "*Tôdas as notícias sôbre as viagens feitas por Vespucci, vêm dêle próprio*. Sabe-se que havia escrito um relatório oficial e completo, mas não restam vestígios dêle, ao passo que possuímos algumas cartas suas a cidadãos particulares que de certo modo compensam a perda. São essas cartas *a única fonte* de informações sôbre as viagens de Vespucci e os descobrimentos que lhe são atribuídos".

De modo que o erudito Sr. Starace ignora completamente a existência de outras fontes que completam e reforçam os dizeres das cartas do Florentino. Pois nós temos conhecimento de que nas *Probanzas del Fiscal* de 8 de fevereiro de 1513, Alonso de Hojeda declarou que na sua viagem de 1499-1500 ao Novo Mundo, levou consigo Vespucci como piloto. Na Biblioteca Riccardiana de Florença, *Códice Riccardiano 1910*, existe por cópia uma carta que Piero Rondinelli enviou de Sevilha a Florença em 3 de outubro de 1502, onde há um tópico dizendo que Vespucci tinha tomado parte da expedição portuguesa de 1501-1502 enviada ao Brasil, como personagem de grande importância. Ainda em Florença, na Biblioteca Nacional, *Códice Magliabecchiano*, existe uma carta de Giovanni da Empoli, remetida de Lisboa a 16 de setembro de 1504, a seu pai residente em Florença, onde diz que Vespucci descobriu *la terra della Vera Crocie*. Na reunião havida em Sevilha a 13 de novembro de 1515, da qual participaram os mais famosos pilotos da Espanha, ao ser discutida a questão referente à posição geográfica do cabo de Santo Agostinho, Sebastião Caboto, João Vespucci, Nuño Garcia e outros pilotos declararam que Vespucci tinha atingido o litoral brasileiro num ponto situado à cêrca de 8 graus de latitude sul, isto é, o cabo de Santo Agostinho.

Prossegue o erudito bibliógrafo: "As edições conhecidas por *Mundus Novus* são uma dúzia, tôdas dos primeiros anos do século XVI, *mas tôdas carecem de qualquer indício de lugar e data de impressão*".

Êste tópico do artigo do abalisado Sr. Starace é do domínio restrito dos bibliógrafos. Acaso neste ponto fala êle de cátedra? Não, porque nós podemos indicar, das 12 edições latinas do *Mundus Novus* a que se refere êste emérito bibliógrafo, 4 que indicam os nomes dos impressores e as cidades onde foram estampadas e 1 que revela não só o no-

me do impressor e a cidade onde foi publicada, mas também a data. Edições feitas em Paris com os nomes dos impressores: Jehan Lambert, Denys Rosse e Gilles de Courmont. Edição de Antuérpia de W. Woisterman. Edição feita em Augusta, em 1504, por Johannes Otmar Vindelice.

Diz em seguida o ilustre Sr. Starace: “Outras publicações importantes da época dos descobrimentos são: *Libretto de tutta navigatione de Re de Spagna*, de Angelo Trevigiano, impresso em Veneza em 1504”.

Devia este insigne bibliógrafo ser mais claro neste tópico do seu artigo, porque o *Libretto* figura como tendo sido impresso em 1504 por Albertino Vercellese di Lisona, sem qualquer alusão ao nome de Trevigiano. O que de verdade existe sobre essa autêntica jóia bibliográfica é o seguinte: Pedro Martyr de Angleria, homem de notável saber, o primeiro historiador do descobrimento da América, escreveu em latim uma narrativa completa das três primeiras viagens de Colombo e daquelas de Alonso Niño e Vicente Yañes Pinzon, tendo mandado tirar várias cópias desse seu trabalho a fim de ofertá-las a amigos da Itália. Uma dessas cópias, que era a primeira década da sua monumental obra *De rebus oceanicis et Novo Orbe*, foi ter às mãos de Angelo Trevigiano, secretário do embaixador de Veneza na Espanha. Ora, como Trevigiano recebia cartas do almirante Domenico Malipiero, um dos historiadores da grandeza de Veneza, nas quais manifestava enorme interesse pelos recentes descobrimentos realizados pelos espanhóis e portugueses, escreveu a 21 de agosto, de Granada, ao Almirante, dizendo que ia traduzir para o veneziano vulgar a narrativa de Pedro Martyr e fazer-lhe pouco a pouco a remessa da mesma, visto não poder remetê-la de uma só vez, por ser muito extensa. Após ter recebido a aludida tradução e tirado dela os apontamentos de que necessitava, Malipiero a ofereceu ao Senado de Veneza, sendo que depois o manuscrito foi ter às mãos de Vercellese que o estampou em 1504 com o conhecido título de: *Libretto de Tutta la Navigatione de Re de Spagna. De Le Isole et Terrene Nuovamente Trovati*. Vê-se, pois, pelo exposto, que na realidade Trevigiano apenas foi o tradutor da narrativa, sendo seu autor Pedro Martyr de Angleria e impressor Albertino Vercellese de Lisona.

Cita o emérito Sr. Starace uma outra preciosidade bibliográfica, o *Paesi novamente ritrovati e Novo Mondo da Alberico Vesputio florentino intitulado*, editado como já dissemos em Viena em 1507, dizendo que há dúvida quanto ao nome do autor dessa coletânea de viagens, atribuindo alguns “a Fracazio di Montalbodo, professor de belas letras

em Vicenza e, segundo outros, a Alexandre Zorzi, cosmógrafo e cartógrafo igualmente de Vicenza”.

O abalizado bibliógrafo está um tanto atrasado tratando-se do autor do “*Paesi*”, porque os modernos estudos evidenciam que o verdadeiro autor é Fracanzano da Montalboddo, pois que isso consta da dedicatória que êle faz do livro ao seu amigo Giovanni Maria degli Angiolelli. Foi Humboldt (*Examen critique*, etc. volume IV, página 80) quem há mais de um século erradamente atribuiu a Alessandro Zorzi a autoria dessa coletânea, por ter encontrado num manuscrito da Maglabecchiana, um tópico dizendo que um irmão de Colombo dera um exemplar dêsse livro a um padre de Lafrão que por sua vez mimoseou Zorzi, com a dedicatória de ter sido êle o compilador dessa coletânea de viagens, elemento êste muito fraco para se pôr à margem a dedicatória existente no *Paesi* e a que fizemos alusão.

Ainda referindo-se ao *Paesi*, diz o erudito Sr. Starace que “no livro sexto da obra vem reproduzida a relação da terceira viagem de Vespucci (*Mundus Novus*) e também no livro segundo, *De la navigatione de Lisbona a Callichut de lingua portogallese in italiana* que vem a ser a relação da viagem de Cabral”.

Há manifesto equívoco da parte do illustre bibliógrafo. A descrição da viagem de Vespucci, conhecida por *Mundus Novus*, está traduzida para o italiano, figurando não no livro sexto, mas sim no livro quinto. Quanto à narração da viagem de Cabral à Índia, mais conhecida como *Relação do Piloto Anônimo*, abrange o final do livro segundo e todo o livro terceiro.

Poderíamos nos estender em outras considerações para provar com que falta de cuidado escreveu o Sr. Carmine Starace o seu artigo para uma revista de grande projeção no nosso meio intelectual, como é sem favor algum *Anhemi*. Todavia, o que acabamos de apontar, cremos que constitui elemento bastante para se poder ajuizar do conceito errado que no estrangeiro fazem do nosso grau de cultura.

S. Paulo, 15 de dezembro de 1950.

TOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA